

ENCRUZILHADA CROSSROADS

Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa¹

RESUMO: Não adianta deixá-los de lado, nada de querer dar fim a essa fala remendada. Nos recolhermos na casa velha da infância, sentimos suas mãos embaixo de nossos passos, devo lvermos às raízes a origem de nossos pés, exploramos o silêncio dos corredores, as rachas nas paredes e, inflamando as narinas, revivemos os suspiros coalhados e os sussurros de vida, deixamos as preces, incendiamos a fé e as sombras enquanto sobem gemidos subterrâneos pelos rangidos da pedra, essa argamassa batida, fazemos da carne a maior casa, suando o sangue nessa fenda esqualida, rachando as palmas, apontando nossa presença no íntimo da casa velha, espiando pelas frinchas feito bicho, o mesmo aço intermitente do grito. Cada espaço grão, cada além orla, cada parte é um vale que abriga os simples. Nas palavras trincadas, nos dentes dos mortos, nos deuses, cada um com sua promessa. Nas multidões, cada um é um centro do universo que se separa na encruzilhada seguinte. O interior das formas gravita pleno vazio, plena matéria não estanque, como um mal entendido, um que modifique tudo, um sinal negativo na soma. Planejo obter, aqui e ali, uma imagem que se contente com o piscar dos olhos, um arranhão no espelho que me faça recompor tão depressa como se de nada eu fosse feito. Talvez o que eu queira com essas imagens seja ser um homem sem alma. Talvez meus ardores sejam transbordamento e forma. Talvez eu seja um ensaio. Ou antes, não passe de atitudes que às vezes são interrompidas por uma paisagem à qual me consinta viver.

PALAVRAS-CHAVE: imagem, poética, memória.

ABSTRACT: It's not meaningful let them aside, not wanting to give an end to this reformed speech. We get together in the old childhood house, we feel its hand under our steps, we give it back to the roots the origin of our feet, we explore the silence of the halls, the cracks on the walls and, inflaming the nostril, relive the curdle sighs and the whispers of life, we let the prays, we set fire to the faith and the shadows while underground groans ascent from the rocks creak, this beaten mass, from the meat we do the biggest house, sweating the blood in this shallow gash, hurting the palms, pointing our presences in the bosom of the old house, spying through the fissures like beast, the same intermittent steel of the scream. Each space speck, each beyond shore, each piece is a valley that shelter the simples. The rift words, in the dead's teeth, in the gods, each one with their promise. In the crowds, each one is the center of the universe that gets apart on the next crossroads. The inner of the shapes skim plain empty, the whole matter does not stem, like a misunderstood, one that modifies everything, a negative sigh on the sum. I plan to get, here and there, an image that is satisfied with the blink of the eyes, a scratch on the mirror that makes me back together so fast like if I was made of nothing. Maybe what I want with these images is to be a man soulless. Maybe my ardors are overflows and shapes. Maybe I am a rehearse. Or even, I am just attitudes that sometimes are interrupted by a view that allows me to live.

KEY-WORDS: image, poetry, memory.

¹ Doutorando em Educação, conhecimento, linguagem e Arte, F.E. Unicamp. tamborinauta@yahoo.com.br



























